

## **IMAGENS E MEMÓRIAS – NARRATIVAS VIVAS: DESVELANDO HISTÓRIAS EM UMA COMUNIDADE ESCOLAR DE SERRA/ES**

Maria Angélica Vago-Soares / PPGE – Universidade Federal do Espírito Santo  
Marcelo da Rocha Soares / Universidade Federal do Espírito Santo

### **RESUMO**

O artigo traz a apresentação do projeto de Doutorado, que pretende discutir o intercâmbio de culturas tradicionais nas práticas educativas. Parte de diálogos com professores(as) e crianças da rede municipal de ensino da Serra/ES. O objetivo principal, consisti em desvelar histórias e memórias serranas, a partir do encontro das culturas tradicionais. A investigação tem como objeto de estudo analisar e discutir acerca das narrativas vivas de crianças, professores(as) e outros sujeitos, em (com)texto educativo de Serra. As ações serão delineadas nas práticas dentro e fora da escola, a partir de mediações e intervenções, em parceria com os sujeitos da pesquisa. Estaremos direcionados a explorar as características dos sujeitos, dos espaços e das práticas ocorridas, tendo em vista um estudo de caso, uma investigação qualitativa e interventiva de cunho colaborativo/parceiro.

### **PALAVRAS-CHAVE**

Imagens; memórias; culturas; práticas educativas; narrativas.

### **RESUMEN**

El artículo cuenta con la presentación del proyecto de tesis doctoral, que tiene como objetivo discutir el intercambio de culturas tradicionales en las prácticas educativos. Parte de las conversaciones con los profesores(as), los niños y otras personas de las escuelas municipales de la Serra/ES. El objetivo principal, consisti en develación de las historias y memorias, desde la reunión de las culturas tradicionales. La investigación tiene como objeto de estudio analizar y discutir acerca de los relatos de vida de los niños, los profesores( as) y otros sujetos en (con)texto educativo de la ciudad de Serra. Las acciones se describen en las prácticas dentro y fuera de la escuela, de las mediaciones y las intervenciones en colaboración con los sujetos de investigación. Será dirigido a explorar las características de los sujetos, espacios y prácticas que ocurrieron a la vista un caso de estudio, una investigación cualitativa y intervencionista y colaborativa/socio.

### **PALABRAS CLAVE**

Imágenes; memorias; culturas; las prácticas educativas; narrativas.

## Para início de conversa...

O artigo trata de uma breve contextualização a respeito da pesquisa de Doutorado,<sup>1</sup> que encontra-se em andamento. Discutimos o intercâmbio de culturas tradicionais nas práticas educativas. Partimos de diálogos na comunidade escolar<sup>2</sup> popular Escola Municipal de Ensino Fundamental (EMEF) Sonia Regina Gomes Rezende Franco, localizada no Bairro Serra Dourada I, Serra/ES. Os sujeitos parceiros nessa investigação são: a professora de Arte Maria da Penha Rodrigues de Assis, o professor Expedito Marques dos Santos e a professora Janisse Soares, ambos de História, Marcelo da Rocha Soares, que é integrante do Grupo de Pesquisa (Ufes): Imagens, Tecnologias e Infâncias, a turma de 6º ano A (matutino) e outros sujeitos dessa comunidade, que estiverem dispostos a colaborar com as discussões. A escolha da professora Penha, se deu devido a parcerias já estabelecidas em momentos formativos que mediamos, para os professores de Arte do município de Serra, bem como por ser a única professora de Arte participante do Curso de Extensão: Imagens Aqui do Meu Lugar: Diálogos com Infância(s) e Juventude(s),<sup>3</sup> em 2014, do qual também fomos mediadores. Os professores Expedito e Janisse estão conosco a convite da Penha e a turma foi selecionada pelos professores em questão.

Nos inquieta pensar e refletir a partir da seguinte questão: ***Como as narrativas vivas<sup>4</sup> – imagens e memórias na comunidade escolar popular: EMEF Sonia Regina Gomes Rezende Franco, a partir do encontro de suas culturas tradicionais, podem ser intercambiadas nas práticas educativas?***

Então, temos como objetivo geral discutir, refletir e construir práticas educativas com sujeitos pertencente à EMEF Sonia Regina Gomes Rezende Franco, para desvelar as imagens, memórias e histórias, a partir dos encontros das culturas e tradições dessa comunidade escolar popular. Nesse sentido, acreditamos que, esse estudo será novo,

[...] porque, qualquer que seja a situação atual do grupo popular, ele possui o seu sabe: a) as suas técnicas de vida e de trabalho; b) suas normas culturais de controle do comportamento nas relações sociais; c) sua ideologia, ou seja, o seu modo próprio – embora imposto por outras classes sociais – de compreender o seu mundo e participar em sua sociedade [...]. (BRANDÃO, 1984, p. 55)

Assim, os sujeitos têm particularidades, têm culturas e tradições individuais e coletivas, que serão desveladas no processo da pesquisa de forma parceira e colaborativa. Estaremos direcionados a explorar as características dos sujeitos, dos espaços e das práticas produzidas, tendo em vista uma investigação qualitativa e interventiva de cunho colaborativo/parceiro. É fato que não existe um caminho apenas para seguir em uma pesquisa, porém sabemos que é importante ter uma direção, para que o percurso seja feito de maneira organizada e estruturada. Teremos como direcionamento a Pesquisa Exploratória que “[...] tem como finalidade desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e ideias [...] Os exemplos mais comuns são os levantamentos bibliográficos e documentais, entrevistas não padronizadas e **estudos de casos** [...]”. (MOREIRA; CALEFFE, 2008, p. 69, grifo nosso). Assim, propomos como balizador da investigação o estudo de caso “[...] caracterizado por ser um estudo intenso e profundo a respeito de qualquer assunto em relação a uma unidade social [...]” (LEITE, 2008, p. 66), já que teremos como foco uma comunidade escolar. Assim, estaremos construindo metodologias em parceria com os sujeitos da pesquisa, que é uma prática ou tendência que está emergindo aos poucos, em diferentes contextos formativos (FOERSTE, 2005) para estabelecer os diálogos durante os momentos interventivos, possibilitando interações constantes entre sujeitos pesquisados, pesquisador e os artefatos culturais com os quais estaremos estabelecendo relações dialéticas.

Nos apropriaremos de vários recursos para os registros produzidos por nós e pelos sujeitos parceiros: diário de campo, entrevistas orais dentro e fora da escola, documentos da escola, fotografias, vídeo-gravações, entre outras fontes que surgirem nas interfaces do cotidiano da pesquisa. Teremos então, não uma metodologia, mas metodologias, caminhos traçados de forma não lineares, definiremos as propostas para iniciar a produção, mas o percurso será direcionado a partir de relações parceiras e dialéticas.

### **A cidade de Serra/ES: breve contextualização**

A cidade de Serra, no mapa (Imagem 1) está localizada no Estado do Espírito Santo, na Região Sudeste do Brasil, próxima dos principais centros comerciais do País, como Rio de Janeiro, São Paulo, Belo Horizonte e Salvador.



reinventar [...] texto cultural é tudo aquilo que pode ser lido sociocultural e historicamente [...]” (ALMEIDA, 2012, p. 32), assim, lendo e relendo os (com)textos<sup>7</sup> que frequentamos, estabelecemos conexões com as práticas educativas, tendo em vista que “[...] a relação do homem com a imagem depende em grande parte dos processos de produção das imagens, mas também da experiência de visão de quem as produz e recebe, ou seja, da visão de mundo preponderante em uma dada cultura e momento histórico” (SCHÜTZ-FOERSTE, 2004, p. 25). A Serra é rica em tradições e também belezas naturais, destacando-se o maciço monte Mestre Álvaro, com 833m de altitude, possui 23 km de praias (Carapebus, Bicanga, Manguinhos, Jacaraípe e Nova Almeida), duas lagoas (Jacunén e Joara) e áreas de proteção ambiental – remanescentes de Mata Atlântica, restingas e mangues.

Como a maioria das cidades, Serra sofreu e sofre modificações ao longo dos anos. Segundo Borges (2009), Serra começou a sofrer transformações a partir de 1960, passando a abrigar várias indústrias no Centro Industrial Vitória (Civit), também teve a construção de Portos Internacionais de Tubarão e Praia Mole e, em 1983 começou a funcionar a Companhia Siderúrgica de Tubarão (CST), hoje Arcelor Mittal Brasil, que é uma das principais siderúrgicas da América Latina. Além desses espaços geradores de empregos e que contribuem com o seu desenvolvimento, tem um comércio bastante diversificado relacionado à construção civil, turismo, shopping centers, bares, supermercados, enfim comércios diversos. Devido ao constante crescimento, o município têm ampliado sua rede escolar.

Hoje possui 127<sup>8</sup> unidades de ensino público que atendem a população serrana. São 68 escolas de ensino fundamental (séries iniciais e finais) e 59 centros de educação infantil. Algumas escolas foram construídas, outras reformadas e ampliadas encontrando-se em excelente estado estrutural, mas ainda há algumas que estão sendo construídas e outras que precisam de ampliação e reformas. Assim, a urbe se constitui e é constituída pelos sujeitos que percorrem seus espaços, sejam eles moradores ou visitantes, produzindo culturas e tradições que possibilitam aos professores e professoras, desenvolverem práticas educativas imbricadas aos (com)textos serranos.

### **A comunidade escolar popular EMEF Sônia Regina Gomes Rezende Franco**



Panorâmica da EMEF Sônia Regina  
Fonte: Acervo Vago-Soares

Segundo o Projeto Político Pedagógico da escola (PPP),<sup>9</sup> a instituição (Imagem 2) antes com o nome EMEF Serra Dourada, foi fundada e inaugurada em 18 de Fevereiro de 1982. De acordo com o Diretor atual Amarildo Gobbi, a escola em 2012, passou a ter o nome Sônia Regina Gomes Rezende Franco, para homenagear a professora da escola de Língua Portuguesa, que faleceu em 2008. Estudantes e funcionários a chamam apenas por EMEF Sônia Regina. Ainda de acordo com o PPP da escola, está localizada na região de Civit, Serra/ES, na Avenida Vitória, s/nº, Bairro Serra Dourada I.

[...] a princípio, a escola iniciou suas atividades apenas com a pré-escola e séries iniciais (1ª a 4ª séries). Hoje, se caracterizando como Educação Infantil e Ensino Fundamental séries iniciais. Em 1988 foram implantadas as séries finais do Ensino Fundamental e Supletivo, para atender as demandas da população. A partir de 2000, a escola deixou de atender aos alunos de Educação Infantil. E, em Junho de 2007, a escola foi contemplada com uma nova sede, porém com as instalações ainda em fase de término de obras. (PPP da escola, p. 4)

Quanto aos dados físicos:

No térreo funcionam: sala de direção; sala de projetos; sala dos pedagogos; sala de artes; sala dos professores; secretaria; arquivo; laboratório de ciências e informática; 02 banheiros para alunos (com três sanitários) e 02 banheiros para professores; refeitório; biblioteca, sala de apoio pedagógico; pátio coberto; cantina; depósito e almoxarifado. No 2º andar funcionam: 15 salas de aula; 01 sala para coordenação; 01 salão de reunião/vídeo e 02 banheiros (com dois sanitários cada). (PPP da escola, p. 4)

A escola atende alunos distribuídos em 03 turnos: matutino que funciona de 7h às 12h; vespertino de 13h às 18h e o noturno de 18h às 22h30min. Outros dados estaremos produzindo, com os funcionários e estudantes no decorrer da pesquisa.

### **Alguns caminhos estabelecidos**

Muitos estudos têm apontado a preocupação com temáticas relacionadas à educação. Dentre elas, há pesquisadores que têm se preocupado com as temáticas: culturas – Interculturalidade, práticas educativas, narrativas, imagens e memórias.

Dialogando com Benjamin (2012), estaremos pensando as contribuições para refletir e analisar a respeito das práticas educativas intercambiadas às narrativas vivas. O autor nos direciona a refletir para pensar as *narrativas vivas*, numa proposta de escutar os sujeitos da comunidade escolar popular, para perceber os encontros da culturas e tradições e seu imbricamento às práticas educativas, que reelaboradas vão intercambiando as experiências com os sujeitos, com os com(textos). Assim, nos aproximaremos da arte de narrar, que para Benjamin, se dá no processo da observação/apreciação e em “[...] intercambiar experiências [...]” (BENJAMIN, 2012, p. 213), quanto mais o leitor participa da narrativa, com mais propriedade estabelece diálogos, rememora suas experiências<sup>10</sup> e relaciona com outros textos, dialetizando, reelaborando, significando... Temos então, um convite a rever nossa maneira de narrar e, como pesquisadores, pensar se realmente estamos nos permitindo as experiências no campo educativo, *escutando* os (com)textos e seus protagonistas.

Defendemos que o encontro de culturas e tradições, intercambiadas às práticas educativas de uma comunidade escolar popular, são narrativas vivas – imagens e memórias - que possibilitam meios de conhecimento de si, das famílias, da sua comunidade, produzindo o sentimento de pertença entre os sujeitos, que estarão mais motivados a promover mudanças nos espaços em que vivem e frequentam, aperfeiçoando suas práticas e saberes em prol de seus contextos. E, nessa proposta de intercâmbios, refletimos que não devemos pesquisar de fora para dentro, mas,

“[...] É preciso simplesmente conhecer o povo como a própria vida, não estudando, mas vivendo-a (Nikolai Leskov)<sup>11</sup>”

Nesse nunca entender o “estudar o povo”, que em sua época era tão fomentado, Leskov (1831–1895), também nos faz refletir hoje e relacionar com a escola, de maneira a *viver* o cotidiano educativo, não apenas estudá-la para pensar esses (com)textos, mas produzir reflexões a partir das narrativas vivas dos sujeitos que

constituem esse espaço. Afinal, entendemos que “[...] a educação é alguma coisa que existe no povo, mesmo quando não há escola, em tudo o que ele faz e cria para ensinar e aprender [...]” (BRANDÃO, 1984, p. 90), nos fazendo ancorar em propostas metodológicas, como já mencionamos, que tenham como princípio a parceria com os sujeitos da escola, já que uma “[...] investigação da ação do pensar do povo não pode ser feita sem o povo, mas com ele, como sujeito do seu pensar” (FREIRE, 1981, p. 119), protagonista das práticas educativas.

Para Benjamin, o bom narrador traz em seu repertório experiências de suas culturas, tradições, ou seja, de experiências próprias e alheias. Na primeira perspectiva, o autor relaciona com o *camponês sedentário* que supera suas dificuldades, se esforça, não desiste e continua no seu lugar de origem, conhece as histórias e tradições que foram transmitidas pelos antepassados, enfim as culturas de si, do povo, logo de seu(s) lugar(es) de pertencimento(s). Na segunda, estabelece relações com o *marinheiro comerciante*, que a partir das viagens que faz para vender seus produtos, tem em seu repertório muitos fatos e muitas imagens para contar e recontar suas histórias.

Os estudantes, sejam eles crianças ou adolescentes e os(as) professores(as), em suas brincadeiras, jogos, situações cotidianas, aproximando das perspectivas do *camponês sedentário* e o do *marinheiro comerciante*. Consideramos esses sujeitos – *camponeses sedentários* – já que, apresentam suas tradições e culturas, e no mundo macro, criam o seu(s) pequeno(s) mundo(s) estabelecendo diálogos entre os signos culturais presentes nos (com)textos que transitam e estabelecem diálogos. No intercâmbio com os (com)textos da escola em que estão inseridos, ampliam suas narrativas e se aproximam da comunidade escolar popular, não desistem e permanecem na instituição de ensino, conhecendo suas particularidades, fragilidades e potencialidades, podendo assim produzir ações que sejam a *cara da escola*.

Bom, e o marinheiro comerciante? As *viagens*, considerando ainda os sujeitos do espaço educativo, pensamos numa perspectiva de que estão em constante ir e vir, fazendo *viagens* em (com)textos com os quais estabelecem diálogos - as leituras e releituras de mundo: as apreciações de filmes, de novelas, de propagandas, de desenhos animados, de passeios virtuais, das avalanches de informações nas redes



sociais, de desenhos animados, de jornais, de revistas, etc. Enfim, com os elementos culturais diversos e sujeitos, que se deparam no dia a dia.

Quanto a relação das crianças e dos professores(as) em (com)textos educativos e as mediações a partir dos elementos textuais diversos para buscar desvelar as memórias, junto aos sujeitos da pesquisa, buscaremos estabelecer diálogos com Schütz-Foerste (2004, 2010, 2013), Ciavatta (2001, 2007, 2009, 2010) e Almeida (2012). As imagens são expressões que estão a todo momento em nossa volta. Arquivamos em nossas memórias aquelas que fizeram sentido para nós, compreendendo-as como expressão do homem em tempos e lugares distintos e nesses tempo e lugares guardam histórias datadas e localizadas (SCHÜTZ-FOERSTE, 2004). A partir de mediações “[...] visão historicizada do objeto singular, cujo conhecimento deve ser buscado em suas determinações mais gerais, em seus universais, assim como situado no tempo e no espaço [...]” (CIAVATTA, 2009, p. 134), possibilitarão as reflexões a respeito das relações e mediações entre crianças, professores(as) e outros sujeitos. Pensando ainda as mediações e as relações entre os sujeitos a pesquisa e os objetos, com Schütz-Foerste (2013) estaremos dialogando, afim de “[...] compreender que os homens e os objetos, sobretudo aqueles que são produto do seu trabalho e de suas reflexões sobre o mundo, estão em situação de relação [...]”. Dessa forma, as relações e mediações, sejam com as imagens ou com outras formas de expressão, são meios de possibilitar a articulação dos fatos sociais, sejam eles presentes ou passados, tendo em vista que o processo histórico está em constante acabamento, que tem como parte significativa os (com)textos educativos em espaços que frequentamos, a família, a escola... Percebemos então, esses e outros espaços como núcleos de memórias, pois os arquivos familiares e os arquivos das escolas são “[...] ‘celeiros da história’ e depósitos de memória coletiva [...]” (CIAVATTA, 2009, p. 105). As fotografias e as memórias diversas, atuam como elementos de legitimação das memórias de uma comunidade, elas expressam o entendimento a partir da percepção dos protagonistas do processo histórico, seus modos de ser, as relações que estabelecem com os acontecimentos diários, buscando constitui-se como parte interativa da história.

Manuel Jacinto Sarmiento é um dos pesquisadores que investiga sobre a sociologia da infância e as culturas que a permeiam. Traz em seus textos, uma visão abrangente sobre a temática, para ele “*as culturas da infância nas encruzilhadas da 2ª modernidade*” trata de alguns pontos que nos faz refletir sobre a criança e as suas produções culturais, “[...] conhecer as *nossas* crianças é decisivo para a revelação da sociedade, como um todo, nas suas contradições e complexidades” (SARMENTO, 2002, p. 1). Partindo desse princípio, as narrativas das infâncias das crianças, intercambiadas às infâncias dos adultos, estarão dinamizando os intercâmbios culturais, logo as práticas educativas.

Falar de práticas educativas, é pensar os processos de produção de conhecimentos é falar do imbricamento de culturas. É fato que as narrativas estão em constantes redimensionamentos, pois são repletas de imagens e memórias, de diferentes fontes, formatos, cores, sabores... As culturas estão em todos os lugares e nesses espaços podemos compartilhar e dialetizar, reelaborar e produzir novas culturas que não se concluem, não têm um ponto final, estão sempre em movimento, interferindo em nossas práticas, em nossas culturas e tradições. E, “[...] o mais importante e bonito do mundo é isto: que as pessoas não estão sempre iguais, ainda não foram terminadas, mas que elas vão sempre mudando. Afinam ou desafinam [...]” (ROSA, J. G., Grande Sertão: Veredas).<sup>12</sup> O desafinar conectamos ao momento de estranhamento, tendo em vista que não conhecemos todas as culturas e todas as práticas produzidas no contexto escolar. Nessa perspectiva, elas se aproximam ou distanciam de nosso pensar e, muitas vezes não nos sentimos pertencentes a elas na primeira aproximação e talvez nem depois de conhecê-las e tentar o afinamento. Os momentos de intercâmbios, de diálogos, de “*intertrocas*” (BRANDÃO, 2007)<sup>13</sup> nos permite esse afinar e desafinar intercultural e, cada um lida de maneira peculiar com esse fato. Compreendemos como

o espaço da ‘interculturalidade’ e deste deriva a ideia de que essa relação ‘entre’ culturas também deve ser concebida com um enfoque normativo que permita abrir um espaço a favor de um novo modo de articular as diferenças em nossas sociedades [...]. (TAPIAS, 2013, p. 128)

Esse modo de articular as diferenças em nossa sociedade, nos faz refletir sobre a comunidade escolar popular, repleta de sujeitos com culturas e tradições diversifica-

das. Assim, conhecer e respeitar as diferenças na escola, no sentido de perceber que estamos rodeados de sujeitos com diferentes modos de pensar, de ser, de agir, de sentir, de tocar, de olhar, enfim de estabelecer diálogos com os (com)textos, entendendo que a interculturalidade é esse lugar de ser e estar no mundo. É se permitir escutar, tocar, degustar, cheirar e olhar os (com)textos... Dessa maneira,

Não basta abrir a janela  
Para ver os campos e o rio  
Não é bastante não ser cego  
Para ver as árvores e as flores  
(Alberto Caieiro)<sup>14</sup>

O poeta, nos faz refletir sobre o quanto é necessário ter sensibilidade e se permitir utilizar todos os sentidos ao ser atravessado pelas culturas e tradições, nesse espaço de interculturalidade. Conhecer para respeitar e valorizar esse arcabouço intercultural, promovendo “[...] o resgate da cidadania dos excluídos das cidades e do campo [...]” (MERLER; FOERSTE; SCHÜTZ-FOERSTE, 2013, p. 17) é proposta para perceber através dos sentidos os movimentos e as nuances imbricados com os sujeitos e (com)textos serranos. As escutas são cheias de imagens e memórias, pois um fio puxa outro e outro... Assim, é buscar “[...] sentir o sentido de vida [...]” (PINEL, 2003, p. 155)<sup>15</sup> no cotidiano escolar, nas relações e mediações com (com)textos educativos.

A criança e o(a)professor(a), vistos por nós, como sujeitos protagonistas de suas histórias, trazem emaranhados de tramas culturais vivenciadas e, reconhecer-se como parte desse todo, em seus bairro, em sua comunidade é relevante para o cultivo das culturas e tradições, pois sabemos que muitas culturas ficam à margem do cotidiano escolar, quando o destaque é para a valorização de culturas, que um determinado grupo quer propagar e que, muitas vezes, somente a partir de (com)textos distantes, de lugares aos quais não nos sentimos pertencentes.

Reiteramos para o fato de que as culturas são diferentes e entendemos que não existe hierarquia cultural (BRANDÃO, 2007), dessa maneira não devemos desqualificar qualquer que seja a cultura ou tradição, pois não existe cultura ou tradição melhor ou pior, apenas diferentes. Reconhecer que as práticas devem se conectar às narrativas trazidas pelas crianças, muitas vezes invisibilizadas por nós professores(as), que ainda hoje, nos permitimos estar amarrados aos (com)textos

dos livros didáticos produzindo práticas sem escutar as crianças, e muitos de nós, ainda acredita que é perda de tempo esse momento de escuta, fazendo das aulas espaços de aquisição de conhecimentos e não de construção de saberes, já que as práticas educativas, devem ser compreendidas “[...] não apenas como uma lista de conteúdos a serem ministrados a um determinado grupo de sujeitos, mas como criação cotidiana daqueles que fazem a escola [...]” (OLIVEIRA, 2007, p. 9) diariamente. Nesse sentido, pensar e repensar as ações, para que a escola seja todos os dias, espaço de reflexões e produções de mudanças para transformar a realidade, percebendo que a transformação deve começar nós mesmos, para produzir as mudanças em uma comunidade escolar popular.

### **Conversas iniciais na EMEF Sonia Regina**

Após estabelecermos a parceria com a professora de Arte, Penha, estivemos na escola para nos aproximar dos professores de História, bem como do Diretor Sr. Amarildo Gobbi, que nos receberam com bastante acolhimento.

Nas conversas já delineadas, traçamos alguns caminhos do Projeto de Ensino. Teremos como título: *Imagens e memórias: Integração*. Definimos o problema central do Projeto de Ensino é a partir da inquietação: *Quais narrativas (imagens e memórias) a comunidade escolar popular EMEF Sonia Regina, possui do bairro Serra Dourada I ao longo de sua fundação que lhes são peculiares?*

O intuito é buscar o envolvimento da comunidade local junto aos estudantes e promover momentos para que as famílias e estudantes possam interagir e construir conhecimentos através de entrevistas/conversas, filmes, palestras, cafés, passeios, etc. Também é proposta promover uma exposição de fotografias, apresentações orais, vídeos, etc., para no final deste ano iniciar as apresentações para a comunidade, “Reconhecendo que existem possibilidades de participação popular em diferentes situações da vida social [...]” (BRANDÃO, 1984, p. 106).

O diretor Amarildo esteve conosco e participou de alguns diálogos, mostrando bem receptivo ao Projeto. Para a produção de dados, as crianças estarão estabelecendo parcerias com sujeitos da comunidade escolar. Estaremos produzindo entrevistas/conversas. Já temos alguns sujeitos, indicados pelos professores e pelo diretor,

que estão nesse espaço desde a fundação da escola - Dilma, Sandra Pedrosa, Patrícia Burguion (Professora de séries iniciais), Soraya Barbosa (Ed. Física), Isabel Anísio (ASG) e Aresia Vieira (secretária) - Eles estarão direcionando nossas reflexões acerca da história da escola. Buscaremos também os primeiros estudantes que participaram do início dessa história, para também escutá-los e registrar suas narrativas, acreditamos que “[...] a educação popular não é uma atividade pedagógica para, mas um trabalho coletivo em si mesmo, ou seja, é o momento em que a vivência do saber compartilhado cria a experiência do poder compartilhado [...]” (BRANDÃO, 2012, p. 98).

Como ação culminante do Projeto, além da exposição permanente de fotografias com as memórias da escola, pensamos em produzir um livro com as memórias dos sujeitos a escola com o tema: Cartas para Sonia Regina, inspirados no livro Carta de professores do campo<sup>16</sup>, junto as memórias registradas pelas crianças de moradores e estudantes antigos, respectivamente do bairro e da escola.

Entendemos essas relações estabelecidas de maneira dialética, caracterizando-se a partir das apropriações “[...] tanto no campo epistemológico, em que deve haver um enfrentamento aberto da razão com a realidade, como no teórico, em que o processo de apreensão e compreensão da realidade se completa pela explicação da própria estrutura do real [...]” (CIAVATTA, 2009, p. 133) e nessas apropriações se faz necessário recorrer às mediações com o intuito de buscar significações para os fatos e produção de novas realidades em seus espaços.

Estimular discussões e reflexões sobre pertencimentos aos espaços, a escola e a cidade, percebendo-se como sujeito interativo/ativo e protagonista de sua história implica imbricar o arcabouço cultural dos sujeitos aos (com)textos para contemplar um ensino mais significativo. E nessas muitas interações/ações os professores(as) e estudantes vão se constituindo e percebendo-se nesse novo espaço de interculturalidade, repleto de culturas e tradições, sem deixar *esquecidas* as suas raízes sociais, culturais, históricas e estéticas.

## Notas

3089

IMAGENS E MEMÓRIAS – NARRATIVAS VIVAS:  
DESVELANDO HISTÓRIAS EM UMA COMUNIDADE ESCOLAR DE SERRA/ES  
Maria Angélica Vago-Soares / PPGE – Universidade Federal do Espírito Santo  
Marcelo da Rocha Soares / Universidade Federal do Espírito Santo  
Simpósio 6 – Formação de professores de Artes Visuais: mediações, tecnologias e políticas

<sup>1</sup> O projeto é na área de Educação e Linguagens, orientado pela professora Gerda Margit Schütz-Foerste, no Centro de Educação, Programa de Pós Graduação da Ufes.

<sup>2</sup> *uma comunidade escolar popular* da cidade de Serra, a expressão utilizada, dialogando com Brandão (1984) é uma aproximação que fizemos com a **educação popular**, uma educação do povo, que o autor baseou-se nos princípios do Método Paulo Freire de Alfabetização de adultos “[...] falo sobre como o método educa enquanto se constrói e, portanto, falo de um método como um processo, com as sequencias e etapas que ele repete a cada vez; como uma história coletiva de criar e fazer, que é a sua melhor ideia [...]” (BRANDÃO). Disponível em: <[http://www.sitiodarosadosventos.com.br/livro/images/stories/anexos/oque\\_metodo\\_paulo\\_freire.pdf](http://www.sitiodarosadosventos.com.br/livro/images/stories/anexos/oque_metodo_paulo_freire.pdf)>. Acesso em 20 de mar. 2015.

<sup>3</sup> Disponível em: <<http://siex1.ufes.br/siex/AuditarCurso.do?id=4165>>. Acesso em 20 de mar. 2015.

<sup>4</sup> Trataremos as narrativas vivas como o arcabouço cultural de cada sujeito, que é repleto de imagens, memórias e histórias.

<sup>5</sup> Órgão pertencente ao Governo Federal.

<sup>6</sup> Disponível em: <<https://www.leismunicipais.com.br/a/es/s/serra/lei-ordinaria/1999/223/2229/lei-ordinaria-n-2229-1999-denomina-os-bairros-do-municipio-de-serra>>. Acesso em 20 de mar. 2015.

<sup>7</sup> Escolhemos essa forma de escrita, para representar duas expressões: **com os textos e com os contextos**, para chamar a atenção aos contextos e os diversos textos e sujeitos que o caracterizam.

<sup>8</sup> Disponível em: <[http://www.serra.es.gov.br/sedu/educacao\\_do\\_cidadao](http://www.serra.es.gov.br/sedu/educacao_do_cidadao)>. Acesso em: 20 de mar. 2015.

<sup>9</sup> Quando solicitamos o PPP da escola, de imediato o Diretor nos enviou, via e-mail. Falou-nos que o documento está sendo atualizado. Nos propomos a contribuir, junto aos funcionários, com os redimensionamentos.

<sup>10</sup> Entendemos, dialogando com Benjamin, que a experiência se dá nas relações entre o homem e o mundo. Uma experiência autêntica é coletiva, é aquela que se acumula, se prolonga e se desdobra.

<sup>11</sup> VÁSSINA, E. Nikolai Leskov, o mais original dos escritores russos. In: **A fraude e outras histórias**. São Paulo: Editora 34, 2012. (p. 213).

<sup>12</sup> Disponível em: <<http://pensador.uol.com.br/frase/NTM0MTQ4/>>. Acesso em 02 de jan. 2015.

<sup>13</sup> BRANDÃO, C. R. **Documentário: Cultura popular e educação**. Entrevista realizada em 2007. Disponível em: <[http://www.tvbrasil.org.br/saltoparaofuturo/entrevista.asp?cod\\_Entrevista=34](http://www.tvbrasil.org.br/saltoparaofuturo/entrevista.asp?cod_Entrevista=34)>. Acesso em 12 de jan. 2015.

<sup>14</sup> Disponível em: <<http://arquivopessoa.net/textos/1122>>. Acesso em 20 nov. de 2014.

<sup>15</sup> **Educadores da Noite: Educação Especial de Rua, Prostituição Masculina e Prevenção das DST/AIDS**, 2003. Disponível em: <[http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/artigos\\_teses/Pedagogia/hiran\\_tese\\_psicologia\\_2000.pdf](http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/artigos_teses/Pedagogia/hiran_tese_psicologia_2000.pdf)>. Acesso em 25 de fev. 2015.

<sup>16</sup> FOERSTE, E... [et al], organizadores. Vitória, ES: EDUFES, 2012.

## Referências

ALMEIDA, J. *Textualidades Contemporânea: Palavra, Imagem, Cultura*. Vitória: EDUFES, 2012.

BENJAMIN, W. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre a literatura e história da cultura*. 8 ed. São Paulo; Brasiliense, 2012.

BORGES, C. *História da Serra*. Editora do CTC: Serra, 2012.

BRANDÃO, C. R. *O que é educação popular?* São Paulo: Brasiliense, 2012.

---

\_\_\_\_\_, *Pensar a prática: escritos de viagem e estudos sobre educação*. São Paulo: Loyola, 1984.

CIAVATTA, M. O conhecimento histórico e o problema teórico-metodológico das mediações. In: FRIGOTTO G.; CIAVATTA, M. (Org.). *Teoria e educação no labirinto do capital*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

\_\_\_\_\_. *O mundo do trabalho em imagens: a fotografia como fonte histórica* (Rio Janeiro, 1900-1930). Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

\_\_\_\_\_; ALVES, Nilda (orgs). *A leitura de imagens na pesquisa social, História, Comunicação e Educação*. São Paulo: Cortez, 2004.

\_\_\_\_\_. Do espaço da fábrica para o espaço da escola (I): introdução a uma história fotográfica. In: CIAVATTA, M. (Org.). *Memória e temporalidades do trabalho e da educação*. Rio de Janeiro: Lamparina: Faperj, 2007.

\_\_\_\_\_, Arquivos da memória do trabalho e da educação – Centros de memória e formação integrada para não apagar o futuro. In: CIAVATTA, M.; REIS, R. R. (Org.). *A pesquisa histórica em trabalho e educação*. Brasília: EDUA, 2010.

FOERSTE, E. *Parceria na formação de professores*. São Paulo: Cortez, 2005.

\_\_\_\_\_, Pedagogia da terra: uma avaliação qualitativa da parceria entre movimento sem-terra e universidade. In: FICHTNER, B. ... [et al] orgs. *Cultura, dialética e hegemonia: práticas pedagógicas e pesquisas em educação*. Vitória: EDUFES, 2013.

FREIRE, P. *Pedagogia do oprimido*. 9 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

LEITE, F. T. *Metodologia Científica: métodos e técnicas de pesquisa: monografias, dissertações, teses e livros*. Aparecida, SP: Ideias & Letras, 2008.

LÜDKE, M. e ANDRÉ, M. E. D. A. *Pesquisa em educação: Abordagens qualitativas*. São Paulo: EPU, 1986.

MERLER, A.; FOERSTE, E.; SCHÜTZ-FOERSTE, G. M. *Educação do Campo e Culturas: Uma discussão sobre pedagogias alternativas*. Disponível em: <<http://www.educacaodocampo.neaad.ufes.br/course/view.php?id=7>>. Acesso em 13 nov. 2014.

MOREIRA, H.; CALEFFE, L. G. *Metodologia da pesquisa para o professor pesquisador*. 2. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2008.

OLIVEIRA, I. B. de. As artes do currículo. In: OLIVEIRA, I. B. de (Org.). *Alternativas emancipatórias em currículo*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2007.

SARMENTO, M. J. *Imaginário e Cultura da Infância*. Instituto de Estudos da Criança da Universidade do Minho, Portugal, 2003. Disponível em

---

<[http://cedic.iec.uminho.pt/Textos\\_de\\_Trabalho/textos/ImaCultInfancia.pdf](http://cedic.iec.uminho.pt/Textos_de_Trabalho/textos/ImaCultInfancia.pdf)> Acesso em 13 nov. 2010.

\_\_\_\_\_. *As culturas da infância nas encruzilhadas da 2ª modernidade*. Instituto de Estudos da Criança da Universidade do Minho, Portugal, 2002. Disponível em: <[http://cedic.iec.uminho.pt/Textos\\_de\\_Trabalho/menu\\_base\\_text\\_trab.htm](http://cedic.iec.uminho.pt/Textos_de_Trabalho/menu_base_text_trab.htm)>. Acesso 10 mar. 2012.

SARMENTO, M. J. ; PINTO, M. As crianças e a infância: definindo conceitos, delimitando o campo. In: SARMENTO, M. J.; P. M *As crianças, contextos e identidades*. Universidade do Minho. Centro de Estudos da Criança. Braga, Portugal: Ed. Bezerra, 1997.

SCHÜTZ-FOERSTE, G. M. *Leitura de imagens: um desafio à educação contemporânea*. Vitória: EDUFES, 2004.

\_\_\_\_\_. Imagem no ensino da arte em novas e/ou velhas perguntas. In: BARBOSA, A. M.; CUNHA, F. P. da. (Org.). *Abordagem triangular no ensino das artes e culturas visuais*. São Paulo: Cortez, 2010.

\_\_\_\_\_. Contribuições de Lukács na pesquisa com imagens na Educação: um breve estudo das categorias trabalho, particularidade e mediação. In: FICHTNER, B. ... [et al] (Orgs). *Cultura, dialética e hegemonia: práticas pedagógicas e pesquisas em educação*. Vitória: EDUFES, 2013.

TAPIAS, J. A. P. Educar a partir da interculturalidade: exigências curriculares para o diálogo entre culturas. In: SACRISTÁN, J. G. (Org.) *Saberes e incertezas sobre o currículo*. Porto Alegre: Penso, 2013.

### **Maria Angélica Vago Soares**

Graduada em Educação Artística pela Universidade Federal do Espírito Santo – UFES (2004), em Pedagogia pela Multivix (2013). Mestre em Educação pela UFES (2012), Doutoranda em Educação pela UFES. Professora de Arte da Prefeitura Municipal de Serra/ES.

### **Marcelo da Rocha Soares**

Graduado em Direito pela Faculdade Nacional – FINAC, em Filosofia nível licenciatura pela Faculdade Evangélica do Meio Norte – FAEME. Participante do Grupo de pesquisa Imagens, Tecnologias e Infâncias (UFES), colaborador nos projetos de pesquisas.